

Chazanut

NO MOVIMENTO MASSORTI

O CHAZAN PÓS-MODERNO

Assim como em outras funções existentes no judaísmo, a figura do chazan teve e tem um desenvolvimento histórico, iniciando-se com a consolidação social da sinagoga após a destruição do Templo. Entretanto, podemos tomar como antecedente o menatzeach o diretor do coro mencionado nos Salmos, que se supõe ter sido responsável pela direção musical do Templo.

Esse desenvolvimento histórico sempre foi orientado pelas transformações sociais e culturais que o judaísmo atravessou em quase dois milênios de diáspora. Nos últimos anos surgiu uma pergunta que preocupa quem trabalha nesta ocupação. O chazan seria uma espécie em extinção?

Enquanto as congregações ortodoxas delegam cada vez mais as tarefas litúrgicas aos seus rabinos (e em muitos casos, estes por sua vez delegam a voluntários), as correntes liberais têm “distribuído” a responsabilidade litúrgica - musical aos rabinos, organistas, diretores de coro, vocalistas e instrumentistas.

Isso implica em que haja cada vez menos interessados na formação de chazanim, dada a escassa e pouco atraente oferta de trabalho, sendo que, na maioria dos casos ela é remunerada como um trabalho de meio-expediente, já que as congregações liberais devem manter também um organista, instrumentistas, diretores de corais, etc.

Darwin não estava enganado: a chave da sobrevivência é a capacidade de adaptação. Heráclito também não, ao sustentar que a transformação é a essência das coisas. Sem nós, os chazanim não pudermos (ou quisermos) nos adaptar às mudanças sociais, econômicas e culturais do povo judeu, acabaremos como peça de museu, mostrando nossa arte ímpar estranha em concertos e em uma ou outra cerimônia...

Como podemos entender o papel do chazan pós-moderno? Em primeiro lugar, um dos grandes paradigmas da atualidade é a flexibilidade: o chazan que deseja trabalhar período em integral deve poder cumprir funções litúrgicas, organizacionais e educativas.

Porém, acima de todas as coisas, ele deve ser um líder comunitário, uma referência que, junto com o rabino, promova um envolvimento cada vez maior dos membros de sua congregação na vida judaica. Ele deve compreender que o que as pessoas procuram atualmente em uma sinagoga é essencialmente uma forma de reconstruir seu vínculo com o povo judeu, um vínculo que seja tanto espiritual quanto social e ético.

Muitas comunidades (sobretudo na América Latina) não contam com recursos suficientes para contratar um chazan ou os rabinos necessários para a congregação e, portanto, nós, os chazanim, não podemos considerar fora de nosso escopo as tarefas de dar uma aula de judaísmo, realizar uma visita a quem está passando por um momento difícil ou orientar quem deseja preparar um jantar de Shabat. Como dizemos na Argentina, temos que saber nos desdobrar.

Obviamente, a realização de todas essas tarefas não é apenas uma questão de boa vontade, exigem uma formação adequada. Pensando sempre em relação a quem decide trabalhar integralmente como chazan, uma boa voz e alguns ornamentos musicais típicos já não são suficientes. Devemos ter conhecimentos e habilidades que nos permitam nos colocar a serviço das necessidades comunitárias, que justifiquem nossa presença e nossa função.

Muitos irão discordar destas palavras e argumentarão que esta não é a função tradicional dos chazanim. Pessoalmente, eu não poderia estar mais de acordo. Trata-se de um papel novo, consistente com os novos tempos. Atravessamos uma época de transição que reúne os chazanim “da velha escola”, detentores de uma grande voz e especializados em comover os corações dos congregantes com um talento de grande dom artístico, e os chazanim “pós-modernos” capazes de realizar múltiplas tarefas comunitárias, uma estranha mescla de artistas, professores, rabinos, funcionários culturais e líderes comunitários.

Quando comecei a trabalhar como chazan eu não via a hora que chegasse o começo da sexta-feira à noite para mostrar à minha comunidade meus progressos vocais e sentir que tinha uma pequena plateia, porém leal... Após alguns anos e, embora certamente algum membro de minha congregação ainda venha a presenciar um raro espetáculo musical, começo a compreender que meu papel não é o de despertar admiração ou de comover, mas de vincular e potencializar o vínculo de cada judeu com seu legado espiritual, cultural e social.

Fala-se muitas vezes sobre o chazan como sendo um emissário da comunidade no momento das preces. Senhoras e Senhores, permitam-me ser um pouco “herege” e discordar. O chazan não deveria ser um emissário, e sim um facilitador. Por mais paradoxal que possa parecer, quanto mais descermos de nossas altas (e em muitos casos altíssimas) bimot, mais próximos estaremos não somente de D’s, mas fundamentalmente dos membros de nossas congregações e da razão de ser de nossa função na sociedade judaica.

Chazan Jonathan Kohan
A.I.B. de Rosario
Rosario, Argentina